

TRAÍRAS

É uma estória de ficção,
Que atiro hoje no ar,
Um simples caso de peixes
E uma lição de pensar.
Traíra bastante idosa
Nadava forte e serena,
Fazendo-se acompanhar
Por uma filha pequena.
A mãe-traíra dissera
Para a traíra-menina :
— “Filha, é preciso aprender
As lições que a vida ensina.
Hoje, vamos rio abaixo,
Evite lixo e barrella,
Siga sempre junto a mim,
No máximo de cautela.”

Depois, falou das lembranças
 De queridas companheiras,
 De excursões em dias claros,
 De flores e cachoeiras.
 O passeio ia tranqüilo
 E eis que a dupla se apoquenta,
 Vendo um pedaço vermelho
 De carne sanguinolenta.
 A traíra mais idosa
 Mostrou-se muito assustada,
 Pedindo, porém, à filha
 Que ficasse acomodada.
 Em seguida, lhe falou:
 — “Ouça, calma e fique arisca!...
 A carne que estamos vendo
 Tem nome: chama-se isca.
 Dentro dela, existe um chuço
 Que tem o nome de anzol.
 Um punhal curvo e cruel
 Que se vê, à luz do sol.

Atrás dele fica um homem
 Que o governa com mão forte,
 Espalhando em nossa águas
 Terríveis quadros da morte.
 Já vi muitos companheiros
 Pelo anzol, sendo arrancados
 E há quem diga que depois
 São eles estraçalhados.
 Agora, fuja, filhinha,
 Cheiro de carne extravasa...
 Seja traíra correta,
 Vivendo dentro de casa.”
 Em seguida, foi à isca...
 Disse à filha: “Saiba disto:
 Esta carne em sangue é linda!...
 Sou traíra e não resisto.”
 Passou a comer a isca,
 Bocada para bocada,
 Mas quando caiu no anzol
 Logo, logo, foi pescada.

A filha voltou a sós,
 A recordar mãe-traíra,
 Pensando no que escutara
 E meditando o que vira.

PREÇO ALTO

O Coronel Arquimino,
 Abastado fazendeiro,
 Dispunha de muitas glebas,
 De dinheiro e mais dinheiro.
 Era, porém, avarento
 Em tão extensa medida,
 Que conservava em sacolas
 Qualquer resto de comida.
 Fizera-se conhecido
 Por homem mau e seguro,
 Sempre citado no povo
 Por “Arquimino Pão Duro”.
 Quatro fazendas no campo,
 Bela mansão na cidade,
 Detestava dar esmolas,
 Criticava a caridade.